

Identidade: Uma construção social e lingüística

Lúzia Alves de Carvalho

Resumo

O texto objetiva mostrar a relação indivíduo-sociedade, como pano de fundo para a construção da identidade. Utilizando metáforas (Elias, 1994; Bauman, 1998) torna clara esta relação. Com Taylor (1997), Berger e Luckmann (2004) o texto mostra ainda que o "eu" só pode ser entendido no particular contexto que o engendra, uma vez que os homens, em conjunto, produzem o ambiente humano com a totalidade de suas formações sócio-culturais e psicológicas. Destaca o papel das *distinções qualitativas* e da *linguagem* como elementos-chave para entender a construção da identidade na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Relação indivíduo-sociedade; Individuação; Distinções qualitativas; Identidade; Linguagem.

Resumen

El texto objetiva mostrar la relación individuo sociedad, como telón de fondo para la construcción de la identidad. Utilizando metáforas (Elias, 1994; Bauman, 1998) torna clara esta relación. Con Taylor (1997), Berger y Luckmann (2004) el texto muestra todavía que el "yo" sólo puede ser entendido en el contexto particular que lo engendra, una vez que los hombres, en conjunto, producen el ambiente humano con la totalidad de sus formaciones socio-culturales y psicológicas. Destaca el papel de las distinciones cualitativas y del lenguaje como elemento clave para entender la construcción de la identidad en la sociedad contemporánea.

Palabras-clave: relación individuo sociedad, identidad, individualización, distinciones cualitativas, lenguaje.

Abstract

The text aims to show the relationship between subject-society, as a background to the identity formation. Using metaphors from Elias (1994) and Bauman (1998), this relationship becomes clear. With Taylor (1997), Berger and Luckmann (2004) the text presents that "the person itself" can only be understood in a particular context in which he takes part, once men, in a whole, produce a human environment with their complete social, cultural and psychological formations. It also focuses the qualitative differences and language importance as key-words to understand the identity formation in the modern society.

Keywords: Relationship subject-society; Identity; Individuality; Qualitative differences; Language.

1. Introdução

Os indivíduos são a expressão da sociedade. Esta existe em sua atividade de individualização, assim como as atividades dos indivíduos consistem na negociação diária da rede de entrelaçamento chamada sociedade.

Elias (1994), em "A sociedade dos indivíduos", mostra como os seres humanos ligam-se uns aos outros na pluralidade, em sociedade. Para ele, a ordem invisível da vida comum, oferece ao indivíduo uma gama de possibilidades, funções e modos de comportamentos possíveis. Por nascimento, cada um está inserido em um contexto, com estrutura bem definida; está preso à dependência funcional de outros. É essa dependência que constitui o elo das cadeias que nos ligam a tantas pessoas, direta ou indiretamente. São cadeias mutáveis, invisíveis, fortes, reais, que constituem o que Elias (1994) chama de sociedade, com estruturas sociais específicas, fundadas em leis ou regularidades sociais.

Nesta sociedade os indivíduos adquirem a marca de sua individualidade a partir da história de suas relações, de suas dependências e do contexto mais amplo da história humana em que crescem e vivem. Essa história e essa rede humana estão presentes neles, quer estejam sozinhos ou em relação com os outros. Todos trazemos as marcas de uma sociedade específica - país, comunidade local, classe social, grupos de afinidade, família, mediante as quais

são traçados os fios de nossa história pessoal. Com razão, diz Baumann (2003) "a individualidade consiste em transformar a identidade humana em dado, tarefa, missão e responsabilizar os atores por essas atividades".

2. Relação indivíduo-sociedade

Elias (1994, p. 35) pensa as relações em termos de rede: "uma rede de tecido", na qual "muitos fios ligam-se uns aos outros". Nessa malha, nem a totalidade da rede, nem cada fio pode ser pensado isoladamente. A rede só é inteligível no modo como os fios se cruzam, em sua relação de reciprocidade. Tal fato não é isento de tensões. Cada fio concorre a seu modo, conforme seu lugar e função na totalidade da rede. No entrecruzar dos fios, todos se modificam, compondo a totalidade, não obstante, cada fio continuar a existir em sua singularidade.

Esta metáfora explica como de uma rede, constituída por muitas unidades, origina-se uma ordem que não é fruto de unidades individuais, isoladas. Para captar melhor o dinamismo das inter-relações aí existentes, é preciso pensar a rede em movimento. É desse interjogo que nasce o indivíduo, emergindo de uma rede de pessoas, anterior a ele, a qual ele também ajudou a formar.

Acordamos com o autor que idéias, convicções, afetos, necessidades, caráter - tudo que compõe o "eu" mais profundo - produz-se na rede de relações da qual o indivíduo emerge e se constitui. O "eu" forma-se no entrelaçamento de necessidades, interesses, desejos, num contínuo processo de dar e receber. A "ordem" que nasce desse jogo de relações, sem começo e fim, determina a natureza e a forma do ser humano individual. Poder-se-ia dizer que a pessoa "se molda" na e pela sociedade.

Para Elias (1994, p. 54), a "individualidade de uma pessoa se constitui das peculiaridades de suas funções psíquicas, de sua auto-regulação em relação a outras pessoas e coisas". A individualidade se refere ao modo e à medida em que a qualidade estrutural do controle psíquico de uma pessoa difere-se de outra. Isso não seria

possível se a auto-regulação em relação a outrem fosse determinada por estruturas herdadas.

Neste sentido, a configuração da auto-regulação psíquica de uma pessoa é dada pelo fato de essa pessoa ter nascido em determinada sociedade, típica, e, ao mesmo tempo, ter crescido nela, como manifestação única dessa realidade. É através da modelagem das funções psíquicas, na interação com os outros, que o comportamento da pessoa adquire configuração singular e constitui sua individualidade.

A sociedade não somente produz o típico e o semelhante, mas também o individual. As pessoas de todas as sociedades que nos são conhecidas são individuais e diferentes umas das outras, até o último detalhe de sua configuração e comportamentos. E são específicas de cada sociedade; são formadas e ligadas, na natureza de sua auto-regulação psíquica, por uma rede particular de vida comunitária, que também liga todos os seus outros membros.

A individuação e o condicionamento social são duas funções diferentes das pessoas em suas relações recíprocas, nenhuma das quais pode existir sem a outra. Referimo-nos à capacidade de influenciar e ser influenciado, moldar e ser moldado, depender dos outros e liderá-los. É o que Elias (1994, p. 56) chama de "função de matriz e moeda"; e acrescenta: "O indivíduo só pode ser compreendido em termos de sua relação com o outro".

Para o autor, a pessoa só é capaz de dizer "eu" porque pode, ao mesmo tempo, dizer: "nós". Até mesmo as idéias de "eu sou" e "eu penso" pressupõem a existência de outras pessoas e um convívio com elas, seja um grupo ou uma sociedade mais ampla. Cada pessoa está irrevogavelmente inserida nesse "nós", de modo que a interdependência e imbricação de atos, planos, propósito de muitos "eus", dão origem a algo que não foi planejado e criado por nenhum indivíduo. Neste aspecto, a noção de pessoa é dominante, destacando-se a complementaridade de cada um para formar a totalidade, constituída da inter-relação de todas as partes. "O indivíduo está contido e imerso na sociedade" (Damatta, 1997, p. 222).

Isso, porém, não se dá de maneira automática. O ser que nasce dessa relação não é passivo, como uma esponja que se deixa embeber pela água. Ele é um indivíduo ativo, senhor dos próprios instintos e de sua vontade, agindo com seu verdadeiro eu. Se ele é condicionado, ele também condiciona graças ao seu mecanismo auto-regulador, impondo limites à influência daqueles. Ele é sujeito e objeto; às vezes, mais sujeito que objeto.

Elias (1994) afirma que *social* é aquilo que é idêntico ou típico às diversas pessoas em uma sociedade. O que identifica, singulariza, diferencia um indivíduo extrapola seu contexto geral. São fatores de origem biológica, atitudinais, culturais, entre outras. O que compõe a vida individual, historicamente determinada, é a noção de individualidade como expressão de um núcleo extra-social dentro do indivíduo, ao redor do qual os traços típicos ou sociais se agregam.

A tensão entre os desejos individuais parcialmente controlados pelo inconsciente e as exigências sociais, representadas pelo super ego alimentam a idéia do núcleo individual natural, ancorado pelo nicho social que o condiciona. Contradições inerentes a este processo fazem com que o indivíduo se perceba distinto "internamente", diferente da sociedade e pessoas alheias a ele. Estes, de algum modo, lhe cerceiam os impulsos e afetos dirigidos a outrem. Esse dinamismo permite também o reconhecimento de si mesmo como sujeito e do mundo como objeto. Isso favorece o distanciamento indivíduo-sociedade, eu-outros.

Morin (2000, 2003) afirma que essa idéia de auto-organização é primordial. Trata-se de uma autonomia que, extraindo energias físicas, biológicas, informacionais e organizacionais de seu meio, constitui-se na e por essa dependência: é a auto-eco-organização: "a sociedade humana se auto-organiza e auto-regenera a partir das trocas e comunicação interindividuais. Essa sociedade complexa (...) retroage sobre suas partes individuais fornecendo-lhes cultura".

A cultura alimenta as identidades por referência às suas tradições, costumes, normas. A sociedade, a partir daí, adquire suas características, seus símbolos e ritos, que inscrevem sua singularidade em cada indivíduo, cuja presença passa a ser vivida como filiação. Giddens (2005b) compartilha com os sociólogos

contemporâneos a noção de cultura como conjunto de crenças, idéias, valores, objetos, símbolos, tecnologias que compõem nosso cotidiano; algo que se aprende e não se herda. Esses elementos culturais mutáveis ao longo do tempo são compartilhados por todos os membros da sociedade tornando possível a cooperação e comunicação, principalmente através dos aparatos tecnológicos e sua aplicação, com efetivo impacto social.

Atualmente, a conseqüente complexificação pela mobilidade e transmissões via satélites, desencadeou uma internacionalização cultural irreversível. Os *micro-chips* modificam as formas de memorização e o processo cognitivo social. As tecnologias da fibra-ótica e as microondas possibilitam a interconexão digital no mundo inteiro. Avanços efetuados segundo a lógica da velocidade modificam substancialmente as formas de comunicação e de vida, em todas as dimensões e níveis. Há uma retroalimentação de curto prazo entre ciências, sociedade e tecnologia. Essas mudanças levam-nos a questionar sobre o que realmente mudou e o que vem permanecendo como substrato da identidade fundamental do ser. A dialética da cultura consiste nesta relação entre o eterno e o passageiro; entre os princípios que mantêm nossa identidade de base e os desafios que provocam sua adaptabilidade.

Para Berger e Luckmann (2003) se há algo que todos têm em comum é a individualização, pois todos os setores da emergente cultura global defendem a independência do indivíduo em relação à tradição e à coletividade. A individuação resulta de um processo social e psicológico que se manifesta empiricamente no comportamento e na consciência das pessoas.

Desde os primeiros anos de vida, o indivíduo começa a incorporar a herança cultural, que assegura sua formação, orientação e desenvolvimento como ser social. É dessa noosfera gerada pela coletividade humana que o indivíduo retira sua individualidade, segurança e proteção. Ele é, simultaneamente, sujeito egocêntrico e momento/elemento de um todo sociológico. Esse todo constitui ao mesmo tempo, um NÓS, do qual o sujeito se apropria e nele se inclui.

Morin (2000, 2003) expressa muito bem essa complexidade mostrando que a relação indivíduo-sociedade é hologramática, recursiva e dialógica. *Hologramática*, porque o indivíduo está na sociedade, que está no indivíduo. *Recursiva*, porque são as relações entre indivíduos que formam a sociedade que, por sua vez, retroage sobre os indivíduos incorporando-os. *Dialógica*, porque a relação indivíduo-sociedade é multiforme, complementar e antagonista.

Elias (1994) explica a “relação entre indivíduo e sociedade, como uma melodia: “não se compreende a melodia examinando cada nota separadamente, sem relação com as demais (...) sua estrutura não é outra senão a relação das diferentes notas”. Em outro momento ele explica essa relação utilizando a metáfora das bolas de bilhar. Elas se chocam e rolam em direções diferentes. Mas a interação entre as pessoas e os “fenômenos reticuladores que elas produzem são, essencialmente, diferentes das intenções puramente somatórias das substâncias físicas”.

Ao contrário das bolas de bilhar, as pessoas mudam. É como na conversa. As idéias dos parceiros se modificam na interatividade dialógica e na relação mútua. A característica desse processo é o que se chama de imagem reticular: no decorrer do processo cada interlocutor forma idéias que não tinha antes, e desenvolve-as numa relação recíproca. A transformação das idéias se dá nessa relação de troca, devido à flexibilidade operatória das pessoas.

Bauman (1998) explica essa relação utilizando a metáfora da casa: sua estrutura não é a estrutura das pedras isoladas, mas as relações entre as diferentes pedras e/ou tijolos; o complexo das funções de cada pedra em relação às outras na unidade da casa. Cada pedra só pode ser compreendida em sua função interferindo no todo complexo funcional da casa. Deve-se pensar na estrutura do todo para se compreender a forma das partes individuais. Para isso, é necessário deixar de pensar em termos de substâncias isoladas únicas, e pensar em termos de relações e funções.

Quando falamos de identidade, nos reportamos ao mais íntimo de nós mesmas, a uma tênue imagem de harmonia, àquela harmonia primeira de nossos laços parentais, de nossas relações primárias, às proto-aprendizagens que nos constituíram; muitas já perdidas no

tempo se transformaram em busca de identidades novas, que se fundem e se dissolvem, muitas vezes, antes mesmo de fixar-se.

Lasch (apud Bauman, 1998, p. 112) lembra que o velho sentido da identidade se refere tanto a pessoas, quanto a coisas. Porém, ambas perderam sua solidez, sua definição e continuidade na sociedade contemporânea. Neste sentido, é preciso estar alerta e manter a própria flexibilidade e a velocidade de reajuste em relação aos padrões cambiantes da atualidade.

3. Construção da identidade na sociedade contemporânea

À medida em que diferentes regiões do planeta se inter-relacionam umas com as outras, ondas de transformação social atingem virtualmente toda a superfície da Terra e até mesmo a natureza das instituições. Paralelamente, mudanças no conceito de tempo e espaço provocam o desencaixe do sistema social e o deslocamento das relações sociais dos contextos locais de interação e sua reestruturação, ao longo de escalas indefinidas de tempo-espaço (Giddens, 1991, 2005a).

Deslocadas e descentradas por forças externas, as sociedades pós-modernas caracterizam-se pela diferença e antagonismos sociais, produzindo uma diversidade de identidades, articuladas parcialmente como única forma de garantir a história. O deslocamento, em sentido positivo, desarticula identidades estáveis, abrindo possibilidades de outras articulações. Cria novas identidades e novos sujeitos, recompondo estruturas em torno de pontos nodais particulares de articulação.

Berger e Luckmann (2004) analisaram os mecanismos responsáveis pela *crise de sentido* nas sociedades contemporâneas, apontando como causa os processos de modernização, pluralização e secularização. Neste contexto, é que a identidade deve ser pensada, uma vez que o “eu” não pode ser devidamente compreendido fora do particular contexto social que o engendra. Sua autoprodução é sempre, e, necessariamente, um empreendimento social, no qual, os homens em conjunto, produzem um ambiente humano, com a totalidade de suas formações socioculturais e psicológicas.

Das várias concepções sobre o *self* como hipótese para a construção da identidade social, privilegiamos a de Taylor (1997), a partir do livro: “*As fontes do self*”, no qual o autor mostra que a compreensão moderna do *self* desenvolveu-se a partir de concepções anteriores da identidade humana. O autor estuda a identidade moderna sob diferentes facetas. Seu empreendimento envolve um rastreamento da concepção moderna do que é ser agente humano, pessoa ou *self*. Ele o faz a partir da concepção de como as representações do bem evoluíram. Mostra a indissociabilidade da identidade, moralidade, individualidade e bem.

Faz, ainda, uma análise do pano de fundo de nossa natureza e situações que estão por trás de algumas intuições morais e espirituais de nossa contemporaneidade. Considera esse pano de fundo como a ontologia moral que articula nossas intuições: uma espécie de fundamento ou pressuposto ao qual recorreremos para defender nossas ações e atitudes. Cada pessoa tem seu jeito próprio de fundamentar seu modo de ser e fazer.

Taylor (1997) coloca a antropologia como base para as ciências humanas e a utiliza como eixo metodológico de leitura hermenêutica do fenômeno humano em sua expressividade histórico-cultural na esfera da ação. Toma como objeto de seu estudo o homem como animal que se auto-interpreta para dar sentido a si mesmo em sua vivência mundana.

Seu pensamento chega até à teoria expressivista da linguagem e da individualidade. A questão da identidade geralmente é proposta na forma: “Quem sou eu?” A resposta supõe a compreensão daquilo que tem importância para nós, qual é a nossa identidade, quem somos, em que posição nos encontramos? Para o autor a identidade tem a ver com compromissos assumidos, estrutura ou horizonte através do qual se avalia o que é bom ou valioso, o que deve ser feito ou não, o que aceitamos ou rejeitamos, que posição tomamos em determinada circunstância. Considera que a identidade se define pela opção de vida, tradição, postura, autodefinição, de tal modo que tudo estaria por terra, se algo do que é inerente à identificação constitutiva viesse a ruir. Quando isso acontece, diz-se que se está em crise de identidade:

Uma forma aguda de desorientação que as pessoas costumam exprimir em termos de não saber quem são, mas que pode também ser vista como uma incerteza radical acerca da posição em que se colocam (...) trata-se de uma experiência dolorosa e assustadora” (Taylor, 1997, p. 40).

Percebe-se, portanto, que há uma relação estreita entre identidade e orientação de vida, pois saber quem se é significa estar orientado no espaço moral que implica distinguir o que vale e o que não vale, o trivial e o que é importante. A desorientação quanto à própria posição como pessoa, leva à perda do controle de si, porque existe um vínculo entre identidade e orientação; ou como diz Taylor (1997, p. 43): “na base de nossa identidade está a noção de que não se pode resolver todas as questões de orientação moral em termos simplesmente universais”. O autor considera que a identidade não pode ser definida apenas por alguns elementos que se destacam em nossa vida. Toda identidade é mais profunda e mais multiforme que qualquer de nossas possíveis articulações dela.

Quando formulamos as perguntas: “quem é você? / quem está presente aqui?”, queremos situar alguém como interlocutor. A resposta vem na forma de um nome. Ser alguém que se qualifica como um objeto potencial desse tipo de pergunta é ser interlocutor. Alguém que tem seu ponto de vista, seu papel e que pode falar por si mesmo. Ser capaz de responder por si próprio é saber em que posição se encontra e o que deseja responder.

Essa *orientação moral fundamental* é essencial para ser um interlocutor capaz de responder por si mesmo. Compreender nossa condição em função de encontrar ou perder nossa orientação no espaço moral é tomar como ontologicamente básico o espaço que nossas configurações buscam definir (Taylor, 1997, p. 46). Este espaço tem que ser sempre vasculhado pelo que o autor chama de “*avaliações fortes*” ou “*distinções qualitativas*”. A identidade está presente em todo o processo de avaliação forte¹. Ela é um bem

¹ Avaliação forte - é aquela que está preocupada com o valor qualitativo dos diferentes desejos. Esclarece qualitativamente o que vem a ser os próprios desejos como expressões valorativas da identidade.

altamente valorizado, algo a que se deve ser fiel. A ela compete a função de orientar, proporcionar estrutura de sentido, em virtude das distinções qualitativas que incorpora.

A avaliação forte permite definir o que é importante e o que não é importante para o sujeito, possibilitando-lhe discriminações das quais não se pode prescindir. A identidade que dela se afasta torna-se incoerente.

Crises de identidade só acontecem quando nossa identidade define o espaço de *distinções qualitativas* no âmbito de nossas escolhas e vivências. É por isso que não se pode viver por completo sem configurações, sem um conjunto de referências, como base para as ações. Sem isso, a pessoa é movida por desejos, aversões, gostos e antipatias. *As configurações* não são coisas inventadas, mas respostas a perguntas que preexistem à pessoa, independentemente de sua resposta ou incapacidade de responder. Não existe distinção a partir do nada.

A situação de um agente humano livre de todas as configurações sugere um estado de crise de identidade, no qual as pessoas não saberiam situar-se e orientar-se diante de questões fundamentais. Tal estado pode levar ao quadro patológico de perturbação e superficialidade. Desse modo, fica evidente que os horizontes da vida humana têm que incluir *discriminações qualitativas fortes*.

Quanto à linguagem, Taylor afirma que ela é elemento estratégico para compreender a construção das articulações significativas que contribuem para a tomada de decisões de um agente humano. Ela expressa significados elaborados pelas práticas humanas e faz com que o indivíduo seja capaz de articular sentidos.

É então que Taylor se volta para as fontes significativas culturais como pano de fundo para a constituição da identidade na pós-modernidade ocidental. É nessa contínua reinterpretação de si, articulada com as fontes da realidade que as pessoas se voltam para a construção da identidade. É no jogo de interpretações articuladas no espaço sociocultural que é possível captar o processo de construção das identidades individuais e coletivas.

O autor toma o estudo da linguagem como expressão humana e elemento chave para entender a estruturação da identidade contemporânea. Uma de suas preocupações foi elaborar um pensamento filosófico que desse conta das questões ético-político-culturais de nossos tempos. Para ele, a linguagem é elemento essencial para compreender como as pessoas constroem as relações significativas para a tomada de decisão frente às mais variadas questões da atualidade.

É na e pela linguagem que o homem expressa a si mesmo e lhe dá sentido. A linguagem passa, então, da função designativa das coisas à capacidade expressiva das pessoas. Essa passagem dificulta a captação de seu centro de gravidade, essencial para compreender o caráter pleno da produção significativa dos indivíduos.

Esse âmbito da linguagem é amplo: vai além da expressão e daquele que a elabora individualmente; leva o indivíduo à origem do “outro”, da comunidade, ou como diz Taylor (2000 apud Araújo, 2004, p. 26): “(...) para o expressivista, a linguagem é uma atividade que constitui um modo específico de estar no mundo”.

Berger e Luckmann (2003, p. 47), reforçam esta idéia:

(...) na situação face a face o outro é apreendido num vivido presente partilhado por ambos (...) no mesmo vivido presente dizem, somos apreendidos pelo outro. O aqui e agora de um colide continuamente com aqui e agora do outro, enquanto dura a situação face a face. Há um intercâmbio contínuo entre a expressividade de um e de outro. Todas as nossas expressões orientam-se na direção do outro e vice-versa. Esta contínua reciprocidade de atos expressivos é simultaneamente acessível a ambos. A subjetividade do outro me é acessível mediante o máximo de sintomas.

São os mesmos autores que enfatizam que as expressões da fala têm sua origem gravitacional em uma comunidade lingüística, na qual a pessoa está imersa. Ela possibilita à expressão elaborada pelo sujeito, ganhar *status* de existência, no sentido de se fazer valer e se manifestar no espaço público. A comunidade lingüística permite ao sujeito articular o que pretende expressar, como resultado de sua

elaboração interna e pessoal. Em outras palavras, é por meio da linguagem, no seu processo de desenvolvimento, que emerge o poder expressivo de tornar manifestas as coisas (Araújo, 2004).

Taylor (1997) procura esclarecer o movimento de construção da identidade moderna por meio de diversas correntes ou abordagem. Ele mostra as influências que essas correntes em luta têm em nossas concepções de mundo e de nós mesmos. Compreende que o homem moderno, ao longo do desenvolvimento de sua racionalidade, perde o contato com a natureza e com os sentidos, que lhe conferiam a identidade com o todo.

Hegel (apud Taylor, 1997), filósofo da elaboração do pensamento expressivista, busca a comunhão entre a “consciência de si” e a natureza; a finita subjetividade e a infinita vida que brota da natureza. O que ele procura, em última instância, é unificar a consciência de si inteiramente livre e a vida em comunidade.

Essa relação entre natureza e espírito, como relação identitária, é aprofundada por Taylor (1997), que retira daí as bases para sua teoria da ação; um dos modos de expressar a identidade. O autor reforça a necessidade de repensar a questão da *expressão da linguagem humana* para compreender melhor a formação da identidade moderna.

Para ele, a exacerbação da racionalidade desenvolvida ao longo da formação do ocidente moderno-contemporâneo levou ao aprisionamento da expressão, gerando conseqüências graves para os indivíduos no campo da ética. Torna-se crucial esclarecer as determinações da linguagem para entender a relação entre expressão e ação. Como animal expressivo, o homem tem como determinação ontológica a linguagem.

Esta exprime a possibilidade da pessoa analisar a si mesma e construir sua individualidade, configurando-a no mundo. Para isso, é preciso entrar na perspectiva lingüística, usar signos e a eles responder. Ser uma criatura lingüística é ser sensível a questões irredutíveis de justeza, modo pelo qual o indivíduo procura configurar a si mesmo no espaço público, com a intenção de expressar significativamente sua identidade (Araújo, 2004). É a reflexão que possibilita a expressão do que se sente e a elaboração

de distinções entre os objetos percebidos. É a capacidade de expressão que permite às pessoas viver em suas emoções, exprimindo-as.

Ao relacionar sentimento e linguagem, Taylor mostra que o homem é ao mesmo tempo construtor e construído pela linguagem. Esta possibilita as necessárias objetivações e determina a ordem em que adquirem sentido e constituem significado para as pessoas na vida cotidiana. Vive-se dentro de uma teia de relações humanas ordenadas pelo vocabulário vivenciado na família, na escola, no clube, no comércio, onde quer que a pessoa se situe. A linguagem marca as coordenadas da vida social enchendo-a de objetos dotados de significação (Berger; Luckmann, 2003).

A pessoa se torna presente no mundo e faz acontecer novas linguagens pela própria expressividade. Segundo Araújo (2004), a expressão unifica desejo e ação, embora nem sempre a ação expresse o desejo no cotidiano. Esses são termos auto-referentes, mas não necessariamente causa-efeito um do outro. A expressividade natural dos desejos permite comunicar a outrem os significados no plano sensível da ação. Mas para reconhecer reciprocamente a disposição de comunicar aos outros nossos significados, devemos ser capazes de “ler” uns nos outros:

Uma linguagem só existe e é mantida no âmbito de uma comunidade lingüística. E isto indica outra característica crucial de um *self*. Só se é *self* no meio de outros. Um *self* nunca pode ser descrito sem referência aos que o cercam (Taylor, 1997, p. 53).

É neste sentido que Taylor afirma que ao falarmos algo, fazemos disso um objeto para os dois, um espaço comum, assim como a aquisição inicial da linguagem depende de uma protovariante desta. Lembramo-nos de Bruner (1983 apud Taylor, 1997), e das proto-aprendizagens. Para o psicólogo são de grande importância os jogos e as modalidades de interação comunicativa entre os pais e as crianças, no sentido de proporcionar-lhes desde a primeira infância o sistema de apoio para que elas aprendam a falar. Esta comunhão original pré-lingüística proporciona a ecologia educativa indispensável ao desenvolvimento de um “espaço comum” aberto ao

desenvolvimento da linguagem e do ser total. Ou como diz Taylor (1997, p. 54): “Só posso aprender o que é raiva, amor, ansiedade, aspiração à plenitude por meio da experiência, minha e dos outros, em algum espaço comum”.

Muitas vezes, mesmo os adultos, não conseguem esclarecer o que sentem, senão quando expressam seus sentimentos a pessoas especiais, com quem têm afinidade. Isso exprime de certo modo o que a criança vivencia. Para ela, tudo seria confusão, não haveria linguagem de discernimento sem as conversas com os adultos, que fixam essa linguagem para ela.

Neste sentido pode-se afirmar que não existe um *self* por si só. Eu sou um *self* em relação aos parceiros de conversação essenciais para que o eu alcance autodefinição. Só existe um *self* no âmbito das redes de interlocução. Essa situação original confere sentido ao nosso conceito de identidade, dando resposta às questões: quem sou? de onde falo? a quem falo?

Para Taylor, a identidade de uma pessoa envolve não só sua posição em relação aos assuntos morais e espirituais, mas também referentes a uma comunidade definitiva. Essas duas dimensões refletem a situação original da qual emerge a identidade. A partir do autor, pode-se afirmar que mesmo que nos distancie das comunidades definitivas permanece o fato de que só podemos elaborar nova linguagem por meio da conversação em sentido amplo; por meio de intercâmbio com outras pessoas com as quais temos alguma compreensão comum. Mesmo quando vemos algo sobre a condição humana que ninguém viu, nossa percepção baseia-se tanto em nossa leitura como na linguagem dos outros. Não poderemos definir-nos explicitamente sem relação a alguma rede de interconexão.

Cada jovem pode assumir uma posição autenticamente sua; porém, a própria possibilidade disso se acha enquadrada numa compreensão social de grande profundidade temporal, na realidade, numa tradição (Taylor, 1997, p. 60).

Com isso não queremos dizer que constituímos uma massa inconseqüente, alienada, estereotipada. Ainda que a identidade seja

elaborada no seio de uma comunidade, ela é definida em sua natureza pela noção do que é uma identidade. Para Taylor somos agentes que partilham uma linguagem com outros agentes. Há relação entre a linguagem, nosso sentido de vida e a direção que ela está tomando sob nosso controle. Aquilo que julgamos bom e de valor fundamental constitui aspirações básicas em nossa vida. O fato de situarmo-nos em um espaço definido por essas distinções qualitativas só pode significar que a posição na qual nos encontramos em relação a elas, é importante para nós. Faz sentido o que já falamos sobre avaliações fortes, sobre o que vale a pena viver, pois são os valores bem definitivos de nossas referências fundamentais que circunstanciam nossa identidade.

5. Conclusão

A modo de conclusão, afirmamos com Taylor (1997, p. 70): interrogação sobre nossa condição nunca se esgota em nós mesmos, naquilo que somos, no que estamos mudando e “nos tornando”, em todo o tempo.

Nossa é concebida de forma narrativa, como uma busca histórica. A direção que o agente escolhe não se limita ao plano dos desejos, mas ao tipo de pessoa que se quer ser. Isso se conecta com a noção de identidade definida pelas *avaliações fortes*. Neste sentido, é oportuno considerar que:

Se o meu ser pertence a uma certa linhagem que é para mim de central importância, se estou orgulhoso dela, e a vejo como me outorgando ser membro de um certo grupo de pessoas que vejo definidas por qualidades, as quais valorizo em mim mesmo, como um agente e que vem ao meu encontro através desse meio de pessoas, então tal grupo fará parte dessa identidade (Taylor, 1997, p. 97).

Há, portanto, *uma identidade valorativa*. A integralidade do agir é inseparável da qualidade do *self*, caracterizado pelas avaliações fortes. São elas que qualificam as ações humanas, situando-as no espaço das diversas configurações morais. Taylor (1997, p. 97) salienta que:

As pessoas podem ter sua identidade definida em parte por algum compromisso moral ou espiritual, como católico ou como anarquista, por assim dizer. Ou podem defini-la em parte pela nação ou tradição a que pertencem. O que as pessoas estão dizendo com isso não é apenas que estão fortemente ligadas a essa concepção espiritual ou de antecedentes, mas que isso oferece a estrutura conforme a qual podem determinar que posição defendem em questões sobre o que é bom, válido, admirável, ou de valor.

Essas reflexões não se fecham aqui. Deixam espaço aberto para o estudo do processo de constituição de identidades individuais e coletivas, tema instigante para estudos posteriores.

6. Referencias

- Araújo, P. R. M. (2004). *Charles Taylor: para uma ética do reconhecimento*. São Paulo: Loyola.
- Bauman, Z. (1998). *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Tradução Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2003). *Comunidade: a busca por segurança no mundo atua*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Berger, P.; Luckmann, T. (2003). *A Construção Social de Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento*. Tradução Floriano de Souza Fernandes. 23.ed. Petrópolis/RJ: Vozes.
- Berger, P.; Luckmann, T. (2004). *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. Petrópolis/RJ: Vozes.
- Damatta, R. (1997). *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6.ed. São Paulo: Rocco.
- Elias, N. (1994). *A sociedade dos indivíduos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Giddens, A. (1991). *As Conseqüências da modernidade*. Tradução Raul Fiker. São Paulo: UNESP.

- _____ (2005a). *Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo em nós*. 4ª ed. Tradução Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Record.
- _____ (2005b). *Sociologia*. Tradução Sandra Regina Netz. 4ª ed. Porto Alegre/RS: Artmed.
- Morin, E.; Le Moigne, J.L. (2000). *A inteligência da complexidade*. 3ª ed. São Paulo: Peirópolis.
- Morin, E. (2003). *O método 5: a humanidade da humanidade, a identidade humana*. Tradução Juremir Machado da Silva. 2ª ed. Porto Alegre/RS: Sulina.
- Taylor, C. (1997). *As fontes do Self: a construção da identidade moderna*. Tradução Ubirajara Sobral e Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Loyola.

Nota: Este trabalho foi extraído do quinto capítulo da tese de doutorado da autora, intitulada: Da Singularidade à Universalidade da prática docente: natureza e significado da identidade institucional coletiva. UPSA, Madrid, 2007.

Sobre a autora

Doutora em Ciências Políticas e Sociologia -Universidad Pontificia de Salamanca - UPSAM (Campus Madrid). Mestre em Educação - PUC / RJ. Especializações em: Supervisão Escolar e Administração Escolar - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São João Del Rey; Especialização em Psicopedagogia na Educação - UNESA; Metodologia de Ensino Superior - PUC-MG; Programas de "Modificabilidad Cognitiva Estructural" - Instituto Superior S. Pio, Madrid. Trabalho: Diretora Acadêmica dos Institutos Superiores de Ensino do CENSA - Campos dos Goytacazes/RJ. Diretora do Instituto Superior de Educação do ISECENSA; Coordenadora do Curso de Pedagogia e Pós-graduação em Psicopedagogia do ISECENSA; Professora das disciplinas Fundamentos Didáticos do Processo Pedagógico I e II; Coordenação e Supervisão Pedagógica; Orientação Educacional no Curso de Pedagogia do ISECENSA; Professora de Fundamentos Didáticos do Processo Ensino-aprendizagem no Curso de Psicologia e de Pós-graduação em Psicopedagogia - ISECENSA; Diretora Acadêmica do CENSA - Centro Educacional N.S. Auxiliadora / Campos - RJ.